



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

PPPG

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

RAZÃO, CIÊNCIA E FÉ NO CRISTIANISMO: O PISANO E O AQUINATE

Guilherme Ferreira da Silva¹; Antonio Janunzi Neto²

1. Bolsista – PROBIC/UEFS, Graduando em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana,
e-mail: ferreiraguilherme201@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana,
e-mail: ajneto@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Razão; Revelação; Tomás de Aquino; Galileu.

INTRODUÇÃO

Ao explorar a continuidade das ideias entre Tomás de Aquino e Galileu Galilei, emergem nuances importantes sobre a intersecção entre filosofia natural e revelação divina, estendendo-se ao longo de três séculos de pensamento filosófico e teológico. Tomás de Aquino, um frade dominicano do século XIII, elevado à santidade pela Igreja Católica e nomeado de Doutor Angélico, desempenhou um papel fundamental na sistematização da doutrina cristã. Em suas obras, principalmente na *Summa Contra Gentiles (SG)*, Aquino estabelece um paradigma de harmonia entre a razão e a fé, fundamentado na tese de que ambas as modalidades epistêmicas são, em última instância, causadas pela ação divina. Ele propõe que a verdade racional e a verdade revelada são congruentes, pois ambas derivam de Deus e, portanto, não podem ser contraditórias. Essa visão não apenas enfatiza a complementaridade entre a compreensão racional do universo material e o conhecimento transcendente adquirido pela fé, mas também reconhece os limites da razão frente a certas verdades divinas que superam a capacidade humana, isto é, os dogmas de fé.

Galileu Galilei, por sua vez, surge no cenário do século XVI como uma figura pivotal na revolução científica. Sua defesa do heliocentrismo, que contrariava a visão geocêntrica aceita pela Igreja com base na interpretação aristotélico-ptolomaica das Escrituras, marcou um ponto de inflexão tanto em sua carreira quanto na interação entre ciência e religião. No entanto, Galileu não considerava a ciência e a fé como forças opostas, mas sim como áreas de conhecimento que, embora distintas, deveriam coexistir sem conflito. Ele defendia que a Bíblia ensina como "ir para o céu, não como os céus

vão"¹, sugerindo que as Escrituras não devem ser interpretadas como manuais científicos, mas sim como guias espirituais e morais.

Assim, ao analisar a contribuição de Galileu à luz do legado de Aquino, percebe-se uma clara continuidade filosófica que transita da filosofia natural à ciência moderna, mantendo-se alinhada com uma teologia que respeita a autonomia e a integridade de ambas as esferas de conhecimento. A abordagem de Galileu sobre a complementaridade entre ciência e fé pode refletir uma evolução natural do pensamento de Aquino, que já reconhecia a importância da razão humana em desvendar os mistérios do mundo físico, sempre respeitando os limites impostos pelos mistérios da fé. Portanto, ao estudar Galileu, torna-se evidente que suas ideias não somente encontram raízes em Aquino, mas também ampliam e adaptam esses conceitos para um novo contexto histórico e cultural, enfrentando os desafios emergentes do seu tempo com um olhar que, profundamente influenciado pelo medieval, abre caminho para a modernidade.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA

Leitura, análise e discussão dos textos de Tomás de Aquino e das cartas de Galileu, em especial a *Suma Contra os Gentios* e Carta de Galileu a Dom Benedetto Castelli, estabelecendo os pontos de convergência entre o Aquinate e o Pisano, cada um em seu contexto histórico.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Galileu escreveu algumas cartas, nas quais faz uma síntese do seu pensamento sobre as relações entre a ciência e a fé, na qual ele defende a incomensurabilidade entre estas; caminham juntas, mas cada uma com seus respectivos livros, a saber, o livro da natureza (ciência) e o livro da revelação (fé), tem seus próprios propósitos, ou como diria o Cardeal Barônio “a intenção do Espírito Santo é ensinar-nos como se vai *para* o céu e não como vai *o* céu” (Galileu, 2009, *grifo nosso*). Duas delas, que considero as principais, a carta a Dom Benedetto Castelli, datada de 21 de dezembro de 1613 e a carta a senhora Cristina de Lorena Grã-duquesa Mãe de Toscana, de 1615, a qual

¹ A citação famosa de Galileu Galilei, "A Bíblia nos ensina como ir para o céu, não como os céus vão", não é encontrada em seus escritos de forma literal. Essa frase é uma interpretação popularizada de uma ideia que Galileu expressou em uma carta escrita em 1615 para a Duquesa Cristina de Lorena. Na carta, ele discute a relação entre ciência e Escrituras, argumentando que a Bíblia foi escrita para a compreensão espiritual e salvação das almas, não para explicar fenômenos científicos. (Cf. NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro. Galileu Galilei: carta à Senhora Cristina de Lorena, grã-duquesa de Toscana. In: Cadernos de História e Filosofia da Ciência, n. 5, p. 91-123, 1983.).

poderíamos dizer que torna-se um prolongamento da carta a Castelli, o Pisano apresenta a sua reivindicação de uma autonomia da ciência em relação aos artigos de fé, ao apresentar que a Escritura não descreve com rigor o funcionamento da natureza, a qual é “executora muitíssimo cuidadosa das ordens de Deus” (Galileu, 2009) e faz uma conformidade da Escritura com o copernicanismo, o que o faz ser um alvo mais visado da inquisição.

Nestas referidas cartas, é perceptível a influência das ideias de Tomás de Aquino no pensamento de Galileu, por mais que o Pisano não cite diretamente o doutor angélico. Na carta a Cristina de Lorena, Galileu cita, extensivamente, Agostinho de Hipona, e há nesta, novamente, a influência do Aquinate, mas, sem citá-lo.

No início da carta a Castelli, Galileu ao dizer que “procedendo igualmente do Verbo divino, a Sagrada Escritura e a Natureza...” (Galileu, 2009), apresenta que podemos conhecer Deus tanto pela natureza tanto pela Escritura, faz recordar Tomás de Aquino na *Suma Contra os Gentios*

“Como se viu há duas ordens de verdades referentes às realidades divinas inteligíveis: uma, a das verdades possíveis de serem investigadas pela razão humana; outra, aquelas que estão acima de toda capacidade desta razão. Ambas, no entanto, são convenientemente propostas por Deus aos homens para serem acreditadas” (SG, IV)

Em continuidade a sua conformidade de ciência e fé, defendendo a incomensurabilidade entre elas, o Pisano apresenta “ademas manifesto que duas verdades não podem nunca contradizer-se” (Galileu, 2009), tais verdades são a natureza e a escritura, como já apontado acima. Inevitavelmente, verifica-se a influência do pensamento tomista nas ideias de Galileu, remetendo ao capítulo VII do *Contra Gentiles*: “Embora a supracitada verdade da fé cristã exceda a capacidade da razão humana, os princípios que a razão tem postos em si pela natureza não podem ser contrários àquela verdade” (SG, VII) e “as verdades recebidas pela revelação divina não podem ser contrárias ao conhecimento natural” (SG, VII).

No prosseguir da leitura das cartas de Galileu é verossímil a assimilação entre este e o Doutor Angélico. Na página 20 da Carta a Castelli, o Pisano escreve que

“é ofício dos sábios expositores afadigar-se para encontrar os sentidos verdadeiros das passagens sagradas concordantes com aquelas conclusões naturais, das quais, primeiro o sentido manifesto ou as

demonstrações necessárias nos tiver tornado certos e seguros” (Galileu, 2009)

Logo faz-se recordar da introdução da Suma Contra os Gentios, na qual o Aquinate afirma que “o nome de sábio, porém, é simplesmente reservado só para quem se dedica à consideração do fim do universo, que é também o princípio.” (SG, I) e “...que a intenção do sábio deve ser dirigida para a dupla verdade acerca das coisas divinas, bem como para os erros contrários que devem ser destruídos.” (SG, IX).

Desta maneira, Galileu quase que reescreve as palavras de Tomás de Aquino, para dar respaldo às suas ideias. Isso ocorre em diversos momentos da Carta a Castelli e da Carta a Cristina de Lorena. Como já supracitado, Galileu não cita as suas referências ao Aquinate, apesar de o fazer em diversos momentos com Agostinho. Uma possível explicação seria a de que Galileu, como um platônico e defensor do heliocentrismo copernicano, não daria, formalmente, créditos a um aristotélico e simpatizante do geocentrismo aristotélico-ptolomaico. Mas não há, pelo estudado, nada que comprove esta ou outra hipótese. O que se sabe é que Galileu teve acesso aos textos de Tomás e por este foi influenciado, evidenciando-se isto nas cartas, sendo que na carta a Castelli é perceptível o reflexo das ideias de Tomás, sem citá-lo, e na carta a Cristina de Lorena fica mais visível as diversas citações de Agostinho de Hipona.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, é notável a influência das ideias de Tomás de Aquino nas cartas e pensamento de Galileu Galilei, apesar do Pisano não citar o Aquinate em nenhuma das suas cartas já mencionadas. Galileu, como fundador da ciência moderna, é diretamente herdeiro das ideias medievais; no medievo a ciência e a fé eram tratadas de forma homogênea, e é Galileu quem, pela primeira vez, aponta o telescópio para céu com um caráter científico e abre, para a modernidade, um caminho de uma ciência livre das amarras da fé ao rejeitar que os textos sagrados contenham com fidelidade o funcionamento da natureza. Porém, em Galileu, permanecem as ideias de Tomás de Aquino, de que Deus se revela tão bem a nós pela natureza como pela Escritura, as duas vias para o conhecimento da verdade, que é Deus, a razão e a fé.

REFERÊNCIAS

GALILEI, Galileu. Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia/Galileu Galilei; tradução Carlos Arthur R. do Nascimento. – 2.ed. ver. E ampl. – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

Aquino, Tomás de. Suma Contra os Gentios. Tradução de Luís Alberto De Boni. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990.